



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**MAL-ESTAR DOCENTE: DIÁLOGO ENTRE A TEORIA
E AS VOZES DO COTIDIANO DOCENTE**

AMANDA SIMÕES COUTINHO

Rio de Janeiro
Dezembro de 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

AMANDA SIMÕES COUTINHO

**MAL-ESTAR DOCENTE: DIÁLOGO ENTRE A TEORIA
E AS VOZES DO COTIDIANO DOCENTE**

Monografia submetida à Faculdade de
Educação da Universidade Federal do Rio de
Janeiro como requisito parcial para obtenção
do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra Jussara Bueno de Queiroz Paschoalino

**Rio de Janeiro
Dezembro de 2022**

AMANDA SIMÕES COUTINHO

**MAL-ESTAR DOCENTE: DIÁLOGO ENTRE A TEORIA
E AS VOZES DO COTIDIANO DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Filosofia e
Ciências Humanas para obtenção do título
de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Jussara Bueno de Queiroz Paschoalino (Orientadora) – FE/UFRJ

Profª Drª Cristiana Carneiro – FE/UFRJ

Profª Drª Luciene Cerdas – FE/UFRJ

**Rio de Janeiro
Dezembro de 2022**

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho significa o fim de um ciclo de quase cinco anos, o final de uma trajetória repleta de muitas conquistas, desafios, risadas, lágrimas (de felicidade e de tristeza) e aprendizados. Conheci pessoas incríveis durante esse período e sou muito grata por todos os momentos que vivemos juntos.

Primeiramente, agradeço a minha mãe, Elizabeth, por todo o amor e compreensão, por ter me ensinado a ser uma mulher forte e sempre acreditar que sou capaz de conquistar e chegar onde eu quiser.

Ao meu pai, Ailton, pelo apoio e pelos ensinamentos. Por ter sido presente durante toda a minha infância e adolescência.

Ao Luccas, meu irmão, por sempre ser um exemplo e um companheiro de vida. Sou muito grata por todas as conversas e conselhos.

A todos os meus familiares, meus avós, tios, primos por, de alguma maneira, terem influenciado em quem sou hoje

Ao Lincoln, meu filho de quatro patas, por sempre estar ao meu lado e iluminando minha vida há 9 anos.

A minha amiga Cristina, que me acompanha desde sempre. Muito obrigada por todo esse tempo, por ter crescido e amadurecido ao meu lado, sempre estando comigo nos momentos de alegria e de tristeza.

As minhas duas Bias, por terem feito parte de um momento de mudança em minha vida. Obrigada por todo apoio e risadas.

Ao meu namorado Gustavo, por tudo. Vida, muito obrigada por sempre me apoiar e me motivar em todas as minhas escolhas. Você é uma parte muito importante nessa minha trajetória. Me faz acreditar todos os dias que sou capaz de tudo.

Aos amigos que a UFRJ me deu, Siva, Lucas e Ana Paula. Muito obrigada por terem compartilhado esse momento comigo. Eu sou muito grata por ter vocês na minha vida! Minha trajetória não teria sido a mesma sem vocês. Obrigada por todas as risadas, choros, fofocas, almoços da pracinha, todas de vivências e aprendizados. Eu amo vocês.

A todos os professores e funcionários da Universidade Federal do Rio de Janeiro por todos os ensinamentos e suporte prestados até aqui.

Agradeço à minha orientadora, Jussara Paschoalino por ter aceitado participar de um momento e um encerramento de ciclo tão importante para mim. Muito obrigada por todo o direcionamento e ensinamentos.

Agradeço a Renata de Paula e a Cristiane Prado, duas professoras com as quais fiz estágio não-obrigatório. Muito obrigado por compartilharem e me ensinarem tanto! Vocês fazem parte de quem eu sou hoje dentro e fora de sala de aula, aprendi muito com ambas e sou muito grata por ter tido a oportunidade de encontrar pessoas tão incríveis durante esse momento tão importante de aprendizado.

Gostaria de agradecer a banca examinadora pelo interesse e disponibilidade.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os educadores que passaram na minha vida e que, de alguma forma, fazem parte da construção de quem eu sou hoje.

COUTINHO, Amanda. **Mal-estar docente: diálogo entre a teoria e as vozes do cotidiano docente**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

RESUMO

A presente pesquisa tem como principal objetivo compreender quais são as causas que levam os professores ao mal-estar docente. Para isso, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, inicialmente, em dois bancos de dados, CAPES e da SciELO, a fim de analisar como a temática do mal-estar é retratada nas produções acadêmicas. Para dialogar com os artigos, Esteve (1999) e Paschoalino (2009) também foram usados como fonte teórica. Posteriormente, foi desenvolvida uma pesquisa de campo, que completou o uso de dois instrumentos, um questionário e uma entrevista semiestruturada realizada com duas professoras da Rede Pública do Rio de Janeiro, com o intuito de aproximar os docentes e ouvir suas vozes em relação a temática em questão. A análise das produções possibilitou compreender que o mal-estar está ligando a fatores que envolvem as mudanças e cobranças sociais, à relação professor-aluno e o acúmulo de tarefas a partir das demandas impostas pela sociedade. Nas falas das entrevistadas ficaram evidenciadas que a violência no entorno das escolas, a falta de apoio, os baixos salários e a falta de infraestrutura das escolas levam ao mal-estar docente.

Palavras-chaves: Mal-estar docente. Vozes do cotidiano. Professor. Adoecimento docente.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1: Relação de idiomas e artigos sobre o mal-estar docente pela CAPES...	14
GRÁFICO 2: Relação do período das publicações sobre o mal-estar da CAPES.....	16
GRÁFICO 3: Artigos da CAPES com o descritor em seu título.....	17
QUADRO 1: Artigos sobre o mal-estar docente da CAPES.....	17
GRÁFICO 4: Artigos da SciElo em ordem cronológica.....	19
QUADRO 2: Artigos sobre o mal-estar docente na SciElo.....	19
GRÁFICO 5: Relação de idades das professoras.....	27
GRÁFICO 6: Professoras e o adoecimento.....	27
GRÁFICO 7: Quantidade de vezes que adoeceu no ano.....	28
GRÁFICO 8: Professores que já apresentaram mal-estar.....	28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. METODOLOGIA	11
2. O ADOECIMENTO DOCENTE: PERSPECTIVA TEÓRICA	14
2.1 O que diz o Portal de Periódicos CAPES	14
2.2 O que diz a SciELO	18
3. DIALOGANDO COM AS PUBLICAÇÕES E OS LIVROS	21
3.1 Causas do mal-estar docente	22
4. VOZES DOCENTES: UMA PESQUISA DE CAMPO	26
4.1 A pesquisa de campo: as escolas	26
4.2 Estar na sala não é uma tarefa fácil	29
4.3 Não consigo fazer meu trabalho com todo o vigor	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
APÊNDICE A	37
APÊNDICE B	40
APÊNDICE C	41

“O professor é, naturalmente, um artista, mas ser artista não significa que ele ou ela consiga formar um perfil, possa moldar os alunos. O que um educador faz no ensino é tornar possível que os estudantes se tornem eles mesmos.”

Paulo Freire, 2003

INTRODUÇÃO

A temática relacionada ao mal-estar docente surgiu em minha trajetória durante os dois estágios não-obrigatórios que ingressei durante meu percurso pela Pedagogia. Ambos foram em escolas privadas de classe média na Zona Sul do Rio de Janeiro. No primeiro fiquei cerca de 1 ano e 5 meses, iniciei durante o 2º período da faculdade, em 2018, foi onde tive o primeiro contato com a sala de aula através do olhar de educadora e não de educanda. Inicialmente, entrei como estagiária volante do Ensino Fundamental nas turmas de 2º, 3º e 4º ano, no ano seguinte, 2019, fiquei fixa em uma turma do 1º ano. Já o meu segundo momento foi realizado em 2021, durante o 5º período da graduação, em uma escola de Educação Infantil onde ficava com um grupo de crianças de 3 a 4 anos, o Grupo 4. Nesses espaços, pude relacionar os conhecimentos, inicialmente, teóricos da faculdade com a prática.

Em ambos os ambientes, encontrei professoras, mulheres, majoritariamente, insatisfeitas com suas condições de trabalho. Reclamando da exaustão física e psicológica, devido à grande demanda de trabalho dentro e fora de sala, pouca remuneração, a pressão exercida pelas coordenações, em relação a prazos, dentre várias outras demandas.

Dentro da Faculdade de Educação, falamos muito sobre a relação professor-aluno, ressaltando sobre a importância de que o educador pudesse refletir constantemente sobre sua prática, ser criativo, compreender a realidade dos seus alunos, valorizá-los, educar através do afeto e, também, sobre a importância política do professor. Porém, pouco se fala sobre os cuidados com os educadores dentro do ambiente escolar e sobre as consequências desses cuidados, ou melhor, falta dele.

Norteadas por essas experiências em estágios, essa monografia teve como principal objetivo a busca pela compreensão das causas e consequências desse mal-estar ocasionado aos docentes.

Dessa maneira, essa presente monografia foi organizada dividindo-se em quatro capítulos. No primeiro trouxe os passos metodológicos usados. No segundo foram analisadas publicações disponibilizadas nos *sites* CAPES e SciELO sobre o adoecimento docente na perspectiva teórica. No terceiro capítulo, houve o diálogo entre os textos selecionados nos *sites* e os dois livros que nortearam essa pesquisa, “O professor desencantado: Matizes do trabalho docente” de Paschoalino (2009) e “O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores” de Esteve (1999). No

quarto capítulo, as análises dos dados da pesquisa de campo foram evidenciadas, demonstrando as respostas fornecidas pelos docentes e também, dando vozes às professoras participantes da pesquisa, que trouxeram em suas narrativas as manifestações do mal-estar. E por fim, as considerações finais, apresentando uma síntese sobre a temática trabalhada.

1. METODOLOGIA

Com o propósito de investigar o que já se produziu sobre a temática do mal-estar docente, a escolha pela pesquisa de abordagem qualitativa foi a opção escolhida por possibilitar entender a realidade de diferentes prismas (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Para isso, inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com o intuito de mapear as publicações que foram desenvolvidas. Neste sentido, utilizamos com base em material já produzido sobre a temática, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Assim, a pesquisa nos *sites* da CAPES e da SciELO foi efetivada com o interesse de analisar como a temática foi retratada por meio das publicações de artigos. Ambos os *sites* foram escolhidos por serem grandes portais de artigos científicos *onlines*, contanto com acesso fácil, gratuito e de periódicos de qualidade.

Outro importante campo de pesquisa foram os livros “O Professor Desencantado: Matizes do Trabalho Docente” que tem como autora Jussara Paschoalino (2009) e também “O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores” de José Manuel Esteve (1999).

Os passos metodológicos com relação à pesquisa CAPES, partiu da escolha do descritor “mal-estar docente”, que foi pesquisado de maneira ampla, abrangendo todos os artigos presentes no *site*, no qual resultou em um grande quantitativo descoberto, sendo um total de 12.234 publicações. Num segundo momento foi utilizado outros refinamentos das buscas e efetivadas as análises dos dados encontrados. Depois optamos pelo filtro que nos possibilitaram compreender quais os artigos que possuísem o descritor em seu título, diminuindo, assim, significativamente o número de publicações.

Este mesmo caminho metodológico foi executado pela pesquisa no *site* da SciELO. Vale salientar que, os dados encontrados apresentaram um total de artigos reduzido, apenas 20 publicações, quanto aos números comparados às realizadas anteriormente no *site* da CAPES. Dessa forma, não foi preciso repetir o processo de refinamento das buscas.

Para a seleção dos textos a serem lidos, os critérios para a escolha deram-se a partir de duas categorias: a proximidade dos contextos já vivenciados, que retratam sobre o mal-estar docente na Educação Básica de maneira geral, sem restringir para lugares específicos, e que não relacionassem o mal-estar aos tempos pandêmicos.

Diante deste cenário de publicações, em que a temática do mal-estar docente foi recorrente, o nosso interesse por trazer as vozes dos professores cariocas ficou evidenciada. Seguidamente, optamos pelo trabalho de campo para nos aproximarmos dos docentes e possibilitar ouvir as suas narrativas sobre o cotidiano do trabalho. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.113)

O trabalho de campo refere-se ao estar dentro do mundo do sujeito (...) - não como alguém que faz uma pequena paragem ao passar, mas como quem vai fazer uma visita; não como uma pessoa que sabe tudo, mas como alguém que quer aprender; não como uma pessoa que quer ser como o sujeito, mas como alguém que procura saber o que é ser como ele.

Com esse entendimento, da importância de ir ao campo de pesquisa inicialmente, nós escolhemos como instrumento de pesquisa o questionário, com o intuito de ouvir os docentes, sua escolha se deu pela praticidade do recolhimento de informações de maneira *online*. O questionário foi elaborado através de um formulário *online*, contando com um total de nove perguntas, tendo como principal objetivo conhecer os docentes e saber, brevemente, sua experiência com o mal-estar, possibilitando compartilhar sua vivência de maneira mais detalhada, posteriormente. Para isso, foi disponibilizado no questionário a opção docente poderia deixar seu contato, para ser contactado pela pesquisa e agendar uma entrevista para contar sua experiência relacionada à temática. Destaca-se que o termo de livre consentimento – TLR foi entregue e foi colocado que as questões propostas estavam inseridas num projeto de pesquisa maior inscrito na plataforma Brasil e aprovado pelo comitê de ética da universidade.¹

O formulário do questionário foi entregue em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro, uma localizada na Zona Sul, onde estava realizando o estágio obrigatório de EJA e outra na Zona Central do Rio de Janeiro, indicada através de um amigo, que havia estagiado na mesma. A expectativa em relação à devolutiva dos questionários não ocorreu, pois, era esperado um quantitativo maior de respostas, pois a escola da Zona Sul possuía 25 professoras três turnos. E a escola localizada no centro da cidade tenha 35 professores. No entanto, apenas sete docentes responderam ao documento proposto.

¹ Plataforma Brasil - Projeto de Pesquisa Nº CAAE: 35382620.1.0000.5582. Título da Pesquisa: Professor Gestor: perspectivas cotidianas. Pesquisador responsável: Jussara Bueno De Queiroz Paschoalino.

O desdobrar da pesquisa requeria se aproximar de dados fidedignos, assim, duas entrevistas foram utilizadas como instrumento e permitiu o objetivo de dialogar com os participantes sobre a temática do adoecimento docente.

Dessa maneira, a partir de uma entrevista semiestruturada, “[...] que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.34), as experiências das professoras foram coletadas de maneira individual. As autoras nos inspiraram pela opção das entrevistas semiestruturadas pela possibilidade de adequar as questões propostas. O processo metodológico foi cuidadoso, que foi efetivado primeiramente utilizando os contatos pelos números de telefones deixados nos questionários. Após várias tentativas, duas professoras se dispuseram a participar de uma entrevista, para relatar sua vivência com o adoecimento.

O desenvolvimento da entrevista se dividiu, primordialmente, em três momentos, primeiramente, pelo ingresso na docência, seguindo pela experiência relacionada ao mal-estar, relatando sua vivência sobre a temática, e, mais adiante, o motivo por continuar na docência. É importante salientar que suas falas foram autorizadas, e para essa pesquisa e suas identidades preservadas, com o uso de codinomes. Com essa perspectiva, os codinomes utilizados para garantir o anonimato das participantes foram: a professora Maria e a professora Cláudia.

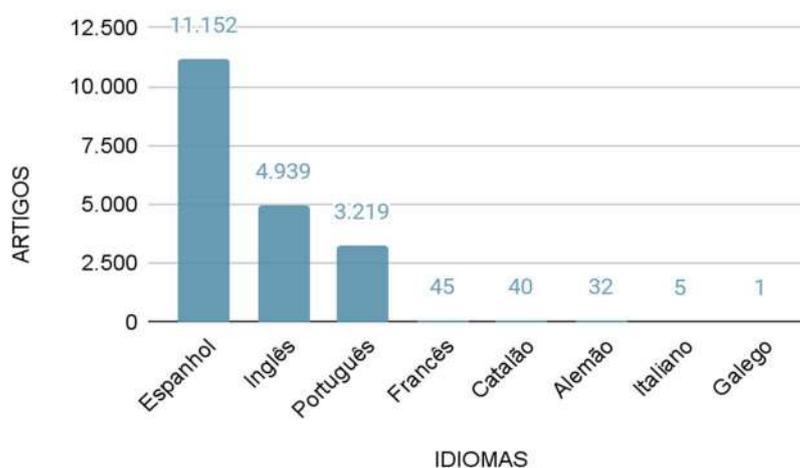
2. O ADOECIMENTO DOCENTE: PERSPECTIVA TEÓRICA

2.1 O que diz o Portal de Periódicos CAPES

O Portal de Periódicos CAPES é considerado um dos maiores portais científicos do Brasil, contando com materiais *onlines*, de fácil acesso, gratuitos e de alta qualidade. Vale destacar, principalmente, que a publicação dos artigos possui como critério de aprovação da submissão o caráter dos avaliadores trabalharem na condição de duplo cego. A partir de uma pesquisa realizada pelo *site* CAPES, foi realizada a busca pelo descritor “mal-estar docente”. No momento da pesquisa realizada no dia 06 de abril de 2022 foram encontrados 12.234 artigos, que apresentavam o descritor em questão. Vale salientar que foi considerado o tempo determinado pelo próprio *site* da CAPES, que deixou evidente o período compreendido entre os anos de 1800 a 2022.

Diante do grande número de artigos sobre a temática do mal-estar docente, foi realizada uma análise para compreender quais foram os idiomas que mais publicaram sobre o foco da pesquisa. Pelo próprio refinamento do *site* ao utilizar o filtro de idiomas obtivemos o seguinte contexto, os artigos são distribuídos em oito idiomas, sendo esses, espanhol, inglês, português, francês, catalão, alemão, italiano e galego. Porém, como podemos ver no gráfico abaixo, os de maiores predominâncias são: espanhol, inglês e português

Gráfico 1: Relação de idiomas e artigos sobre o mal-estar docente pela CAPES.



Fonte: *Site* periódicos CAPES - Organização da autora, 2022.

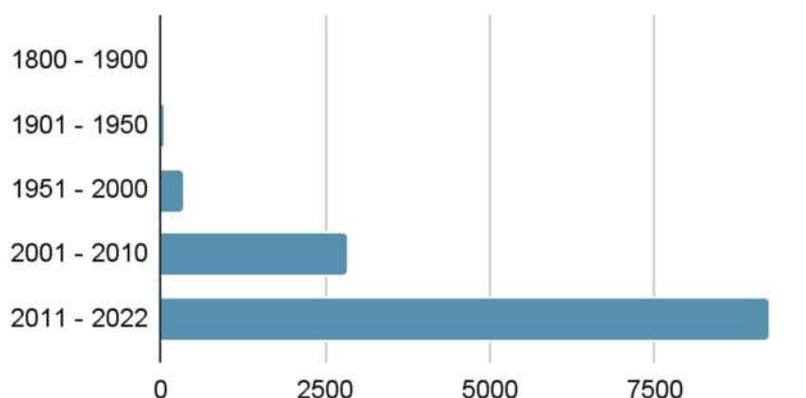
A predominância de artigos publicados no idioma espanhol deixou evidências da importância de conhecer a realidade desse mal-estar docente, que se configurou em estudos científicos. Dessa maneira, optou-se por outro refinamento cronológico com o intuito de mapear o que pudesse determinar quando se iniciou as publicações que tinham este descritor.

O primeiro refinamento sendo por ordem crescente, tivemos o período de 1800 a 1900, onde há uma única publicação do ano de 1887, sendo no idioma espanhol e sobre a relação dos catolicismos com as corridas de touros, que não contemplando o descritor pesquisado. Vale destacar que, período cronológico apresentado correspondeu ao apresentado pelo site da CAPES periódico, desde 1800, que foi provocativo para compreender quando se iniciou os estudos sobre o mal-estar docente. Assim, optamos por ir fazendo as análises por períodos.

Mais à frente, na década de 50, do século passado, com o refinamento abrangendo os anos de 1901 a 1950, encontramos artigos relacionados à educação, porém, ainda sem relação com o descritor. Nesta pesquisa foram encontradas um total de 25 publicações, predominantemente em espanhol.

Os resultados sobre o “mal-estar docente” propriamente ditos, começam a aparecer apenas no final dos anos 90, com o refinamento de 1951 a 2000, que após este refinamento cronológico permitiu encontrar um quantitativo de 345 resultados, onde o idioma espanhol ainda foi predominante, possuindo cerca de 322 artigos disponíveis. Avançando mais uma década, 2001 a 2010 conseguimos perceber que o descritor “mal-estar docente” se expandiu fortemente, passando, assim, para 2.833 resultados, com um aumento de mais de 800% comparando com o período pesquisado anteriormente, e possuindo, ainda, o espanhol como idioma de maior domínio. Seguindo para o período dos anos de 2011 a 2022, é possível encontrar um total de 8.484 artigos publicados, onde ainda há o espanhol como predominante, seguindo para o inglês e o português.

Gráfico 2: Relação do período das publicações sobre o mal-estar da CAPES.



Fonte: *Site* periódicos CAPES - Organização da autora, 2022.

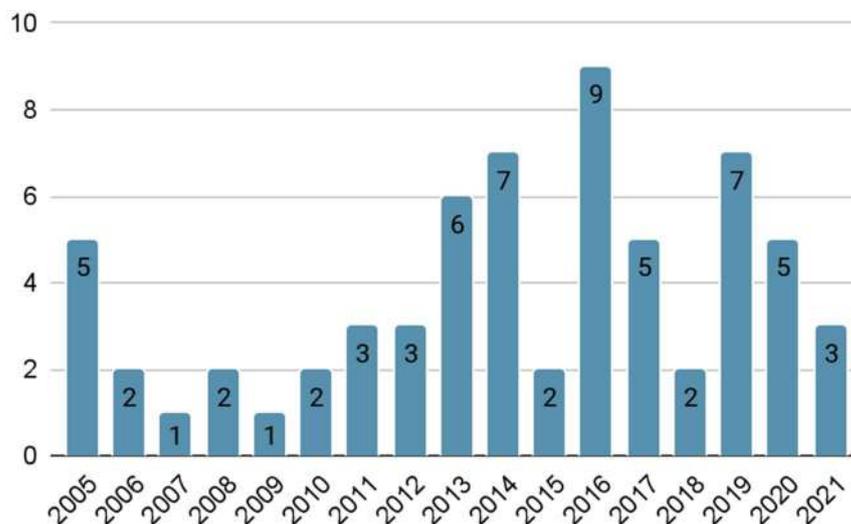
Após essa análise temporal, e como podemos observar no gráfico 2, foi possível compreender que a temática descrita como “mal-estar docente” se apresentou presente no *site* do CAPES, efetivamente, apenas no final da década de 90, embora o refinamento do *site* iniciou-se nos anos de 1800. Nota-se seu crescente aumento com o passar dos anos e, também, que há uma predominância do idioma espanhol em todos os períodos pesquisados.

Como salientado acima, o descritor pesquisado apresentou com mais de 12 mil artigos publicados, então, para refinar ainda mais as buscas, iniciou-se uma nova pesquisa, voltada apenas para os artigos que contavam com o descritor “mal-estar docente” em seu título. Assim, de período em período, o mesmo descritor foi pesquisado através do *site* CAPES.

Para realizar essa análise, foi utilizado o refinamento mediante em “busca avançada” fornecido pelo *site*, onde foi aplicado o filtro, que demonstrou apenas os artigos publicados que tinham o descritor em seu título. Entre todo o quantitativo demonstrado acima, apenas 65 artigos apresentaram as palavras indicadas.

Quando organizado em ordem crescente, o primeiro artigo que apareceu teve o ano de 2005 como data de publicação, sendo publicado na “Revista Ibero-Americana”. No gráfico de número 3 apresenta-se os resultados equivalentes a cada ano, considerando o período, onde há publicações, em que tiveram o descritor em seu título, indicando a quantidade em cada ano.

Gráfico 3: Artigos da CAPES com o descritor em seu título.



Fonte: Site periódicos CAPES - Organização da autora, 2022.

Como pode-se perceber, o ano onde há o maior quantitativo de artigos foi em 2016, com 9 publicações, seguindo para os anos de 2014 e 2019 com 7. Nas análises desses dados, em relação aos artigos publicados, foram constatados que tiveram nenhum padrão de postagem, possuindo uma baixa após o ano de 2005, logo se encaminhando para um crescente nos anos de 2013 e 2014, porém, obtendo uma grande oscilação nos outros períodos.

Considerando o total apresentando acima, três artigos do Portal de Periódicos da Capes foram selecionados, obtendo como critério para a escolha autores que retrataram o mal-estar docente na Educação Básica, sem restrição de lugares e sem relações com o período pandêmico. No quadro abaixo, podemos observar o nome dos autores, o ano de publicação e o objetivo da pesquisa.

Quadro 1: Artigos sobre o mal-estar docente da CAPES

Pesquisador (a) - Ano da pesquisa	Objetivo da pesquisa
SANCHES; GAMA - 2016	Problematizar o mal-estar docente no contexto escolar a partir do que dizem as produções acadêmicas.
SANTOS; FERREIRA - 2016	Compreender como viviam os professores atingidos pelo mal-estar docente e como desenvolviam na carreira docente após esse mal.
TIMM; STOBBAUS - 2016	Compreender que as condições do mal-estar na docência precisam ser problematizadas; afirmando que é possível ao professor lidar com o fenômeno, ao estar consciente da sua responsabilidade em seu processo de auto

	<p>subjetivação, desenvolvendo-se em termos de autoimagem e de autoestima, para que melhor movimente-se, renove e amplie o compromisso de cuidar de si em uma perspectiva diferenciada.</p>
--	---

Fonte: Site periódicos CAPES - Organização da autora, 2022.

Sanches e Gama (2016) identificam, a partir das análises das produções acadêmicas destacadas no artigo, que o mal-estar docente se apresentou como uma característica da profissão docente nos tempos atuais, podendo ser identificado de diversas formas, sendo, principalmente, na relação professor-aluno e, também, no aumento das demandas das atividades do papel do profissional docente.

Atrelados a essa perspectiva, Santos e Ferreira (2016) trazem o mal-estar docente diante de uma análise voltada para a falta de reconhecimento do docente pela sociedade, relatando sobre como o professor se vê insatisfeito com a sua carreira, questionando a renda salarial, carência de reconhecimento e respeito pela sociedade.

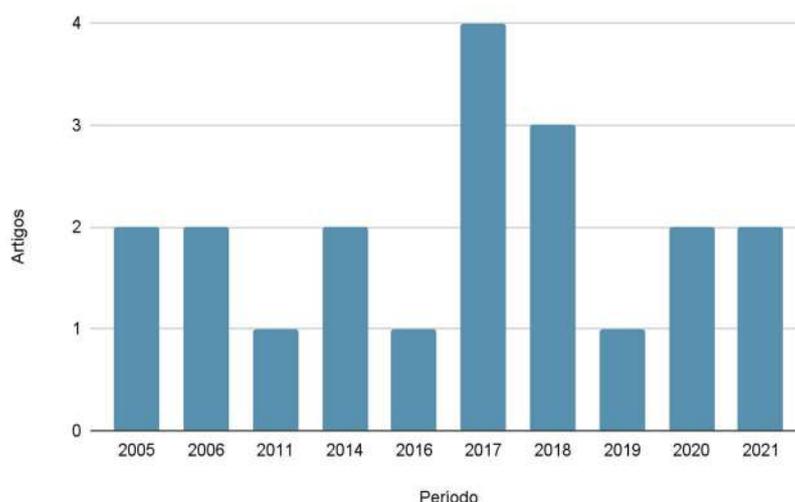
Neste sentido, a abordagem do mal-estar e adoecimento também foi colocada pelos autores Timm e Stobäus (2016) ressaltando sobre as constantes mudanças da sociedade, trazendo a problematização de Bauman (2005) sobre a modernidade em termos de líquido, estando em constante fluidez. Relacionado a isso, o mal-estar docente é trazido pelos autores devido a grandes demandas cobradas, sobre a exigência de educar para uma sociedade que não se sabe exatamente qual será. Afirmam também, que, em muitos momentos, o professor tem condições insuficientes para cumprir as demandas exigidas.

Com base nos apontamentos dos autores, podemos compreender que o mal-estar docente está, diretamente, relacionado à forma como a sociedade cobra e enxerga o profissional docente. Sendo alvo de grandes demandas sociais, o docente é constantemente exigido como transformador social, e carrega a pressão de educar para transformar a sociedade. Porém, embora haja a cobrança, não há reconhecimento para tal, sendo assim, o professor é colocado em circunstâncias mínimas para cumprir essas imposições.

2.2 O que diz a SciELO

Seguindo a mesma linha de pesquisa da CAPES, o *site* SciELO, sendo esse um portal eletrônico e cooperativo de periódicos científicos, também foi usado para a realização da pesquisa acerca da temática. Diferentemente dos dados obtidos anteriormente, ao buscar pelo descritor “mal-estar docente”, foi encontrado um total de 20 resultados, durante um período de 16 anos.

Gráfico 4: Artigos da SciELO em ordem cronológica.



Fonte: *Site* SciELO - Organização da autora, 2022.

Como é possível observar, não há um padrão entre as postagens dos artigos, há apenas uma pequena oscilação entre um a quatro publicações anuais.

Dentro do quantitativo de artigos encontrados, dois foram os que se encaixam no critério de escolha apresentado anteriormente, textos sobre a Educação Básica, sem restrição de lugar e sem abordar o período pandêmico. O quadro 2 apresenta as produções escolhidas do site SciELO, demonstrando seus autores, período de publicação e o objetivo da pesquisa.

Quadro 2: Artigos sobre o mal-estar docente na SciELO.

Pesquisador (a) - Ano da pesquisa	Objetivo da pesquisa
PENTEADO; NETO - 2019	Apresentar uma leitura crítica da problemática do mal-estar, dos sofrimentos e dos adoecimentos de professores, vinculada à história do trabalho docente, aos modos de ser/estar na ocupação e à cultura do magistério.
COSTA - 2005	Tornar visíveis alguns processos e sintomas implicados na produção desse mal-estar.

Fonte: *Site* SciELO - Organização da autora, 2022.

Penteado e Neto (2019) descrevem o mal-estar envolvendo as narrativas da docência, sendo vinculada à falta de investimento social e político na educação pública e da carreira docente. Para os autores:

O enfrentamento da problemática demanda mudanças sociais e políticas e suscita a necessidade de os professores exercerem a profissionalidade também numa dimensão que implica preservar e valorizar sua dignidade e seu protagonismo, buscando estratégias que possibilitem a promoção do cuidado, da saúde e do bem-estar profissional - nesse redirecionamento, a formação de professores terá papel fundamental. (PENTEADO; NETO, 2019 p.151)

Perpassando também pelas questões sociais como causadores de mal-estar docente, Costa (2005) associa a figura do profissional docente a um carregador de fardos, sendo esses, ocasionadores do mal-estar. O autor afirma que ser professor, educar e formar professores tornaram-se atividades valorizadas socialmente, consideradas dignas e importantes. O papel de formadores do presente e do futuro civilizatório traz consigo uma grande responsabilidade moral, porém, quando não supre com as expectativas impostas, toda a culpa é descarregada ao professor, fomentando, assim, o mal-estar docente.

Em vista das perspectivas apresentadas, a pressão social e a falta de investimento público são elementos que estão diretamente ligados ao sentimento de mal-estar.

3. DIALOGANDO COM AS PUBLICAÇÕES E OS LIVROS

A educação sempre foi uma temática muito discutida e presente na sociedade, sendo de grande importância na nossa formação como indivíduo e ser atuante socialmente.

A profissão docente vem trazendo consigo cada vez mais desafios, inquietações e responsabilidades, a escola institui-se não apenas como um lugar onde o sujeito vai para aprender conteúdos escolares básicos, mas também um lugar de formação para sociedade. Sobrecarregando, ainda mais, as demandas dos professores. Sanches e Gama (2016, p.158) afirmam que:

A educação tem sido sobrecarregada com a expectativa de que pode salvar a sociedade, preparando as gerações do futuro, salvando as crianças e jovens do analfabetismo, da privação, violência e desemprego. Os professores encontram-se, ante as dificuldades diante das novas responsabilidades a cada dia, demandas contraditórias e a crítica social por não as atender. Essas exigências junto às implicações do contexto social, compõem uma nova organização escolar que, sem as adequações necessárias, traduzem-se em precarização do trabalho docente e conseqüente mal-estar profissional.

A educação como salvadora da sociedade tem expressado grandes demandas, Albuquerque (2013) argumenta que a ocupação docente tem um peso no imaginário popular de ser vista como um sacerdócio, tendo uma missão a ser desempenhada e não como uma profissão. Por conta disso, muitas vezes, ao invés de salários, o exercício da docência constitui um papel cultural de doação, e o professor carece de receber uma contribuição aos serviços prestados (ALBUQUERQUE, 2013). Corroborando com este pensamento, Costa (2005) declarou que a atividade docente como sendo uma "missão civilizadora" onde a educação é trazida com extrema importância e gravidade, onde o professor se equipara a um soldado ou salvador.

É assim que, em nossa sociedade, "ser professor", "educar" e "formar educadores", por exemplo, tornaram-se atividades, à primeira vista, valorizadas socialmente, ou seja, significadas como dignas e importantes. Dir-se-ia, mesmo, que seriam atividades fundamentais para o presente e o futuro dos homens. Observa-se, pois, uma valorização tal desse "querer fazer" pedagógico que, sob os ombros dos profissionais da educação, terminaria por pesar uma enorme responsabilidade *moral*: a de civilizar uma vila, uma coletividade, uma cidade, um estado, um país e, em nossos dias, todo um mundo que inexoravelmente se globaliza. (COSTA, 2005, p.1265)

Submetidos a essas responsabilidades sociais, os professores enxergam-se com uma grande sobrecarga, culpa e frustração por não conseguirem atingir os objetivos predestinados à profissão, ocasionando, assim, o mal-estar ou esgotamento docente.

O mal-estar docente é um assunto que vem sendo discutido não é de hoje. O adoecimento dos professores dentro e fora das escolas vem sendo cada vez mais relatado pelos profissionais. Esteve (1999) caracteriza o mal-estar como sendo: “[...] os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce à docência” (ESTEVE, 1999, p.25).

Nessa lógica, o adoecimento de profissionais da educação vem sendo preocupante em muitos âmbitos. O Ministério da Saúde (2020) no que tange ao esgotamento profissional, afirma que é “comum em profissionais que atuam diariamente sob pressão e com responsabilidades constantes”, caracterizando os profissionais docentes nesse quadro, sendo alguns dos sintomas “cansaço excessivo, físico e mental, fadiga, alterações repentinas de humor, sentimentos de incompetência, derrota e desesperança”.

3.1 Causas do mal-estar docente

As causas que levam ao mal-estar docente são muitas: a baixa remuneração, condições precárias de estrutura e também de materiais pedagógicos, cobranças excessivas, tanto sociais quanto da direção escolar, problemas de saúde relacionados ao excessivo uso da voz, falta de interesse dos alunos, entre outros.

Acerca dos apontamentos sobre o mal-estar docente, Esteve (1999) destaca os prováveis fatores que colaboram para o desenvolvimento do mal-estar, sendo eles separados em primários e secundários. Os fatores primários são os que se relacionam diretamente com o trabalho do professor dentro de sala de aula, tais como: a falta de recursos didáticos e condições limitadas para a atividade docente, a violência nas instituições, o esgotamento docente e o acúmulo de funções sobre o professor. Os fatores secundários estão associados ao contexto em que se exerce à docência, como: a carga de responsabilidades sociais exigidas do professor e a desvalorização do trabalho docente. Esses são fatores que podem agir de forma a influenciar o

trabalho docente, contribuindo para que haja uma desmotivação, e por consequência, o mal-estar.

Partindo, primeiramente, pelos fatores primários, que interferem de maneira mais direta ao exercício da docência, sendo encontrados em sua prática cotidiana, com isso, “envolve a materialidade das condições de realização do trabalho, a insegurança, que permeia a escola e o esgotamento do professor” (PASCHOALINO, 2009, p.57). A falta de recursos didáticos para a realização de sua prática interfere diretamente no exercício do docente, suas condições de atuação tornam-se limitadas, Esteve (1999) afirma que professores que acreditam em uma renovação pedagógica para a sua atuação nas aulas, encontram-se no limite devido à falta de material didático necessário e pela dificuldade de consegui-los. Além das condições materiais, o autor também traz a violência nas instituições de ensino como uma realidade vivenciada pelos professores, seja pela destruição do patrimônio público ou pelas agressões físicas e verbais dirigidas aos docentes, atingindo, diretamente, sua segurança dentro do próprio ambiente de trabalho.

É notório os desafios enfrentados pelos professores, as dificuldades apresentadas acima somam-se ao acúmulo de funções que, muitas vezes, são destinadas aos mesmos. Albuquerque (2013) salienta que o docente se vê destinado a realizar funções além de sua prática, como contribuir na organização de rifas e festas, cuidar dos alunos durante o intervalo, ajudar a oferecer a merenda e se encarregar da entrada e saída dos alunos. Segundo a autora, são atividades que não fazem parte da atividade docente e vão, ao longo do tempo, sobrecarregando o físico e o emocional do professor, ocasionando, assim, o esgotamento docente.

Seguindo para os fatores secundários, que são classificados como “referentes às condições ambientais, ao contexto que se exerce à docência” (ESTEVE, 1999, p.27). Interferem de maneira indireta, afetando o rendimento docente, transbordando para sua prática dentro e fora de sala de aula. O autor afirma que os fatores podem atuar de forma isolada, porém “quando se acumulam influem diretamente sobre a imagem que o professor tem de si mesmo e de seu trabalho profissional, gerando uma crise de identidade que pode chegar (...) a autodepreciação do ego” (ESTEVE, 1999, p.27). Referente a esses, é possível associar a carga de responsabilidades sociais exigidas do professor e a desvalorização do trabalho docente.

Como dito anteriormente, o papel do professor tem passando por um grande aumento de responsabilidades e exigências, precisando sempre adaptar-se às

rápidas mudanças sociais. Sacristán (1999 *apud* SANCHES E GAMA, 2016 p.157) afirma que o avanço da sociedade e suas cobranças influenciam diretamente na escola, agregando a mesma, um acúmulo de funções, exigindo, do professor, respostas às novas demandas. Sanches e Gama (2016, p.157), afirmam que “podemos compreender que os professores devem aprender a ensinar de um modo que eles mesmos não foram ensinados, tornando-se agentes da própria mudança”. Outra situação, destacada por Esteve (1999) é o papel contraditório muitas vezes determinado ao docente para manter o equilíbrio da instituição de ensino. Esse é estabelecido pela relação professor-aluno.

Assim, exige-se do professor que seja um companheiro e amigo dos alunos ou, pelo menos, que se ofereça a eles como um apoio, uma ajuda para seu desenvolvimento pessoal; mas, ao mesmo tempo, exige-se que ele faça uma seleção ao final do curso, na qual, abandonando seu papel de ajuda, deve adotar um papel de julgamento que é contraditório ao anterior. Exige-se do professor que se ocupe do desenvolvimento individual de cada aluno, permitindo o nascimento e a evolução de sua própria autonomia; mas, ao mesmo tempo, pede-se que ele produza uma integração social, na qual cada indivíduo se acomode às regras do grupo. (ESTEVE, 1999, p.30).

Tanto a sociedade como as intuições exigem do professor tarefas que vão além de sua formação, gerando consequências na sua construção profissional e pessoal, suscitando o aparecimento do mal-estar. A partir disso, é possível compreender que a sociedade cobra cada vez mais das funções docentes, porém, tal cobrança é realizada sem que haja respaldo sobre a mesma.

Como resposta a isso, a questão acerca da desvalorização do trabalho docente é vista através da precariedade do salário, segundo Albuquerque (2013) com a necessidade para sobreviver, o professor procura lecionar em mais de um turno ou mais de uma escola, além de, muitas vezes, buscar o auxílio das aulas particulares para conseguir complementar sua renda, ocasionando uma sobrecarga de trabalho. O docente não é valorizado nem no aspecto social e nem financeiro, exigindo que o professor se desdobre para conseguir sobreviver.

Devido a essa série de fatores, o professor acaba sendo levado ao sofrimento, adoecendo de maneira física e psicológica. Paschoalino (2009) traz em uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro por Gomes (2002) sobre o trabalho e a saúde do professor, onde o mal-estar aparece de forma forte e genérica, sendo acarretados por sintomas como: queixas de tensão, ansiedade, nervosismo, angústia, depressão,

esgotamento, irritabilidade, estresse, falta de ar e problemas nas cordas vocais. As consequências que o mal-estar pode ocasionar no profissional docente são diversas, levando, em alguns casos, professores a precisarem de licença médica para se afastar temporariamente de seus cargos ou até de maneira permanente.

O trabalho docente é rodeado de expectativas e exigências que transbordam para além do alcance dos professores, permeando um mundo de desafios, incertezas, frustrações e cobranças. Aranda (2007) destaca que o mal-estar docente é um traço presente no ofício do professor contemporâneo que são evidenciados cada vez mais durante o seu cotidiano escolar.

A educação é um processo de libertação e independência, onde seus sujeitos se constroem sendo influenciados pelas suas relações internas e externas, sendo parte da formação da identidade dos indivíduos ali presentes. O diálogo entre as produções acima demonstra o papel do professor perante a sociedade, apresentando os desafios enfrentados dentro e fora de sala de aula, salientando sobre como esses influenciam diretamente no mal-estar docente, que não se restringe a apenas um segmento, permeia por todos.

4. VOZES DOCENTES: UMA PESQUISA DE CAMPO

4.1 A pesquisa de campo: as escolas

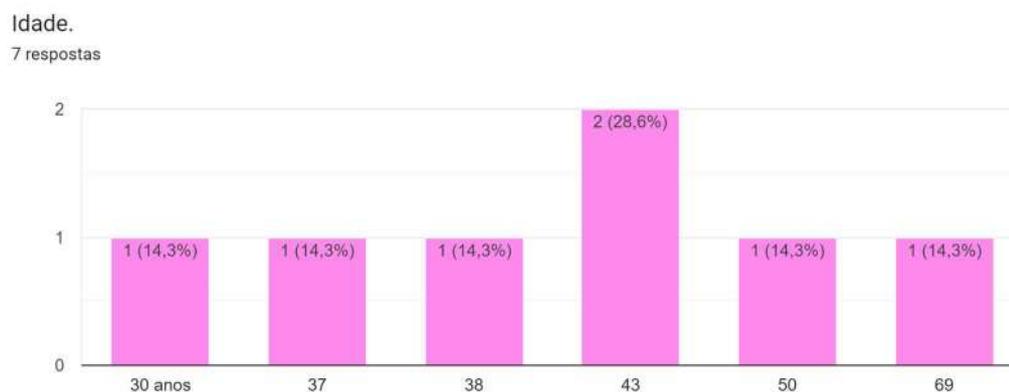
Para dar continuidade à pesquisa, foi decidido pela construção de um questionário relacionado ao mal-estar docente, contendo nove perguntas, associadas ao tempo de profissão, se houve adoecimento durante esse período e se o/a docente já vivenciou o mal-estar. Para o critério de escolha das escolas, foi levado em conta a proximidade com elas, em uma das escolas estava eu inserida realizando o estágio de práticas da EJA e a outra, indicada por um amigo que havia realizado estágio não-obrigatório.

O formulário, então, foi encaminhado para as duas escolas do município, sendo uma localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro, contando com os segmentos da Educação Infantil, Fundamental I e II e com a Educação de Jovens e Adultos, funcionando nos turnos da manhã, tarde e noite. A segunda escola é no Centro, conta com o segmento do Fundamental II para o ensino regular e para a modalidade da EJA, abrange o Fundamental I e II.

Para as duas modalidades, os turnos são de manhã e tarde. O questionário foi respondido, majoritariamente, por docentes da EJA, devido à comunicação mais direta com eles. A primeira escola, conta com um total de quatro turmas da EJA, e a segunda, com sete, totalizando 11 turmas. Sendo essas de Fundamental I e II.

Com relação ao questionário, sete pessoas responderam, sendo todas do gênero feminino, apresentando idades entre 30 e 69 anos. Quanto ao tempo de formação, a oscilação foi entre 6 e 50 anos. Com relação ao tempo de atuação na escola, há uma variação entre 6 e 30 anos. Quando a pergunta é sobre adoecimento, 71,4 % das docentes afirmaram que já adoeceram e, também, que já apresentaram mal-estar docente. Os gráficos abaixo demonstram detalhadamente as respostas fornecidas pelas docentes.

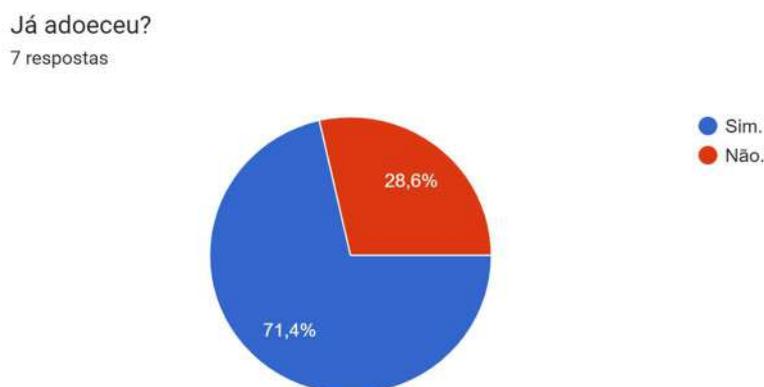
Gráfico 5: Relação de idades das professoras.



Fonte questionário - Dados organizados pela autora, 2022

O gráfico 5 apresenta professoras de idades entre 30 a 69 anos, é notório observar que o maior número de docentes entre 30 a 43 anos.

Gráfico 6: Professoras e o adoecimento.



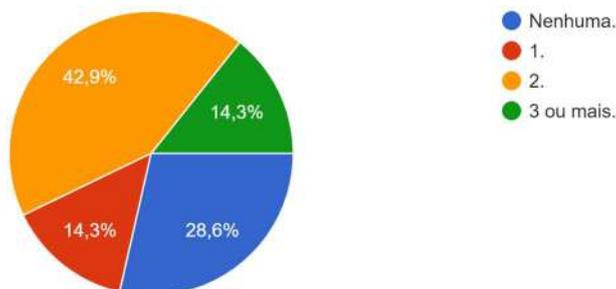
Fonte questionário - Dados organizados pela autora, 2022.

Quando questionados sobre o adoecimento, 71,4% das docentes alegam já terem adoecido. Mesmo não sendo explicitado no gráfico sobre o adoecimento ligados a causas docentes, é alarmante o percentual apresentado.

Gráfico:7: Quantidade de vezes que adoeceu no ano.

Quantas vezes ao ano?

7 respostas



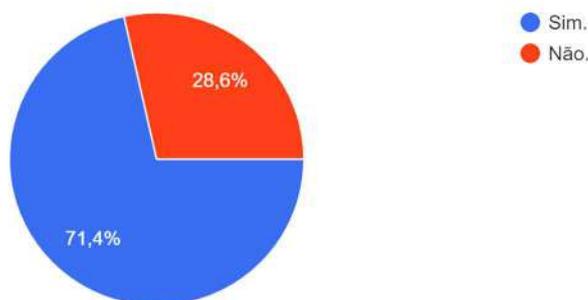
Fonte questionário - Dados organizados pela autora, 2022

O gráfico acima demonstra o quantitativo de vezes que as docentes adoeceram ao ano, apresentando que pelo menos uma vez ao ano mais de 50% das docentes relatam terem adoecido por causas diversas,

Gráfico 8: Professores que já apresentaram mal-estar.

Já apresentou "mal-estar docente"?

7 respostas



Fonte questionário - Dados organizados pela autora, 2022

Acerca do mal-estar docente, é notório que o número se repete, 71,4% das docentes apresentaram o mal-estar. Um dado que intensifica ainda mais a fala de Aranda (2007) ao relatar que o mal-estar está ligado ao ofício do professor contemporâneo.

Assim como demonstra os gráficos, o mal-estar docente é sentido pela grande maioria das docentes acima. A seguir, foi pedido no formulário que caso tenha marcado "sim" a pergunta acima, justificasse brevemente sobre o mal-estar vivenciado.

As respostas foram: "desânimo para enfrentar a rotina de trabalho, angústia por tentar algo diferente e ser limitada pelo sistema", "já apresentei mal estar quando trabalhei durante quatro anos em uma escola municipal em que o entorno dela convivia com intensa violência, como tiroteio, explosões de granada, entre outros", "desgaste físico e psicológico", "considero como uma situação de desânimo crônico com a docência, considerando a falta de estrutura, de apoio técnico e psicológico" e "crises de ansiedade". (QUESTIONÁRIO, 2022).

Para compreender melhor sobre a trajetória e as causas do mal-estar vivenciadas por esses docentes, uma entrevista semiestruturada foi realizada com duas professoras, iniciando-se com o seu ingresso na carreira docente, passando pela experiência que ocasionou o mal-estar e, por fim, a motivação de continuar seguindo a carreira docente.

As entrevistas foram autorizadas pelas professoras e suas identidades mantidas em sigilo, e utilizados nomes fictícios para as narrativas apresentadas.

4.2 Estar na sala não é uma tarefa fácil

A primeira entrevistada, foi denominada pelo nome de Maria e tinha 38 anos, no momento da pesquisa. cursou o Ensino Médio com Formação de Professores e se apaixonou pela educação, em seguida ingressou no curso de Letras. Concomitantemente, ao terminar o Ensino Médio, assumiu uma turma para lecionar. Sua trajetória profissional ganhou novos ares após terminar a faculdade e ser aprovada no concurso da prefeitura para professor II. A entrevistada foi relatando a sua experiência de docência, atua há 20 anos dentro da educação, sendo 15 dentro da escola pública.

A professora contextualizou a sua entrada na Rede Pública do Município do Rio de Janeiro, apresentando onde a escola era localizada, sendo essa cercada de comunidade, e que havia a violência frequente. Maria relata sobre alguns episódios que vivenciou, sendo um deles de quando bandidos entraram na escola.

Quando eu assumi a matrícula, fui lotada em uma escola na 6° CRE, o entorno dela tinha várias comunidades, ela era cercada. A gente tinha vários casos de violência no entorno da escola, tipo, granada que explodiu ao lado, de repente tinha tiroteio e a gente tinha que se jogar no chão junto com os alunos. Além do medo do professor, a gente tinha que lidar com o medo das crianças também, embora estivessem "acostumados" com aquele ambiente,

que era um ambiente onde eles conviviam, quando eles estavam na escola, também buscavam uma proteção. (...) Teve um episódio de bandidos entrarem na escola e ficarem dentro da secretaria com a diretora. E a gente naquele contexto que não podia descer, porque todo mundo já sabia o que estava acontecendo, mas a gente não demonstrava para os alunos o que estava acontecendo. (MARIA, 2022).

A violência sofrida por Maria foi relacionada ao local da escola situada em comunidade e não propriamente dita da instituição de ensino. A professora, contudo, relatou que essas experiências foram fortes e que afetaram drasticamente sua vida e carreira docente e que o perigo de repetir as cenas vividas eram evidentes. Em meio ao cenário vivenciado na 6° CRE, Maria nos contou que acabou desenvolvendo alguns transtornos psicológicos. Segundo Paschoalino (2009):

Os problemas e a violência nas instituições escolares deixam-nas doentes, pois as inúmeras dificuldades com o trabalho docente criam círculos viciosos que se manifestam a partir de mal-estares e se intensificam levando às doenças e ao absenteísmo de professores. (p.44)

As consequências do mal-estar vividos por ela transbordaram para além dos muros da escola.

Eu fiquei muito tempo com medo de andar na rua, por exemplo, estava no shopping e ouvi um barulho alto e ninguém correu, mas eu corri, fiquei assustada. Eu fiquei um tempo muito apavorada com qualquer coisa. E assim, eu atribuo outras questões que vieram depois a essa situação que eu vivi, mas tratando sempre. Eu procurei psiquiatra, psicólogo, fiz terapia durante muito tempo. (MARIA, 2022).

Mesmo depois de todo o ocorrido, Maria ainda continua na educação, porém, também possui uma matrícula federal, no Ministério da Saúde, na parte administrativa. Atualmente, lecionando para o PEJA, onde relatou ter uma grande realização profissional, conseguindo sentir que seu trabalho faz a diferença na vida dos alunos. A professora nos contou sobre a solidão que o docente tem, e que muitas vezes, encontra-se sem amparo e sem apoio tanto da direção da escola, quanto da própria sociedade.

Eu acho que nós professores, a gente se sente muitas vezes sozinhos, sabe. Tanto nessa situação de violência em torno da escola como em outras situações que o professor vive, de fato, estar em sala de aula, não é uma tarefa fácil. (MARIA, 2022).

O sentimento de solidão também é presente na profissão docente. Quando entra em sala com seus alunos, há o professor sozinho, carregado de toda a pressão para cumprir o seu papel de educador. A falta de acolhimento docente pode vir a ser um dos fatores para a causa do mal-estar, considerando que o professor se sente um profissional ultrapassado, e devido aos seus acúmulos de funções e tempo desproporcional de trabalho para realiza-las, encontra-se obrigado a cumprir seu trabalho de uma maneira inferior (ESTEVE, 1999).

Após isso, a entrevistada finalizou dizendo que o que a motiva ainda a continuar na educação é o sentimento de estar contribuindo com a sociedade.

O que me motiva hoje, sendo bem sincera, é o retorno dos alunos. Porque já estamos sem reajuste salarial há muito tempo. Esse retorno de estar fazendo algo para a sociedade. Ainda são 11 milhões de analfabetos no Brasil e a gente está, de alguma forma, ajudando a vencer esse número, a diminuir esse número. (MARIA, 2022).

Os relatos de Maria retrataram as feridas causadas pela docência, porém a professora não desistiu e ainda continua dentro de sala de aula, sentindo-se motivada pela mudança que pode causar na vida de seus alunos.

4.3 Não consigo fazer meu trabalho com todo o vigor

A outra entrevistada, que denominaremos de Claudia tinha 37 anos no momento da pesquisa. Claudia começou contando que se formou em Licenciatura em Educação Física e que atuava na Educação há 15 anos, sendo 10 anos dentro da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro. A professora expôs que seu ingresso na carreira docente se deu pela admiração que sentia pelos professores, sua relação com os alunos e o processo de aprendizagem, ainda no Ensino Fundamental, e assim, entendeu que seu sonho era se tornar professora. Quando Claudia realizou seu sonho, compreendeu que a profissão trazia consigo muitos desafios.

Em seu relato, descreveu um pouco sobre as dificuldades que enfrentou na profissão, sendo essas ocasionadas pela infraestrutura da escola, a divergência de status um ambiente de aprendizagem para um depósito de conteúdo, os prazos e demandas a serem cumpridos. Claudia abordou questões sobre o racismo e a relação dos professores com seus gestores.

Com o tempo a gente começa a perceber que algumas coisas nos levam ao mal-estar, a infraestrutura, o sistema, o sistema que não dá o privilégio do ensino do aluno, a aprendizagem, mas sim, ao depósito de conteúdo. Pressões que a gente sofre em relação a prazos que tem que cumprir, muitas demandas e pouca infraestrutura. Sem contar que, a gente encontra em algumas escolas, gestores que acham que são donos das escolas, e por motivos pessoais ou não, ou só pelo simples fato de não gostar do seu estilo, começam uma perseguição, ou pelo fato de você falar algo que essa pessoa não concorda. Eu já sofri falas racistas de gestores e por vezes me senti perseguida por questões que eu levantei por não achar justas. (CLAUDIA, 2022).

Em seu relato, Claudia demonstrou insatisfação com o sistema educacional público, tanto pela falta de infraestrutura, cobranças e demandas, como pela gestão, são esses, fatores que influenciaram diretamente seu ofício docente. A falta de infraestrutura dentro das escolas compromete o trabalho do professor, considerando que há um desfalque tanto na estrutura física escolar, como em materiais para realizar as propostas pedagógicas. As cobranças e demandas podem vir da sociedade, das famílias e da gestão escolar, fazendo com que o professor se sinta sempre pressionado e sobrecarregado. Acarretado por essas circunstâncias, o professor se vê cercado de incertezas em relação ao seu desempenho profissional e a relação de aprendizagem do aluno, culpando-se por não conseguir cumprir com os resultados que “almejaria alcançar”. (PASCHOALINO, 2009, p.66)

As manifestações do mal-estar podem ser múltiplas. A Claudia relatou uma situação vivenciada que também a fez sofrer. A docente trouxe também, uma fala preocupante quando abordou sobre o racismo sofrido na escola, pelos seus gestores. Embora seja crime, enquadrando-se pelo Lei 7.716/89, o racismo estrutural ainda é muito presente na sociedade, trazendo consigo consequências por vezes irreparáveis.

Ao dar continuidade a sua fala, Cláudia diz um pouco sobre as consequências desses fatores em seu trabalho docente, relatando sobre o desânimo e a baixa autoestima. Para concluir, afirmou que continua na docência apenas pelas questões financeiras.

A gente vem trabalhar desanimada, a autoestima muito baixa, não consigo fazer meu trabalho com todo vigor, para mim, são as piores consequências. O que me motiva a continuar na docência é, hoje, infelizmente, a questão financeira, que é o meu sustento. É o que me mantém aqui ainda. (Claudia, 2022).

As inquietações trazidas por Claudia, pautaram-se nas falas de Esteve (1999) quanto às causas do mal-estar docente, atravessando os fatores primários e

secundários, podendo gerar crise de identidade e questionamentos acerca da sua própria prática.

Embora tenha realizado seu sonho de infância, Claudia compreendeu, na prática, que a vida docente carrega consigo muitos desafios, que atingem diretamente a vida do profissional docente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada teve como principal objetivo compreender quais são as causas que levam os professores ao mal-estar docente. A pesquisa bibliográfica realizada nos *sites* da CAPES, da SciELO e das literaturas selecionadas possibilitaram entender a complexidade dessa temática. Assim, foi possível entender que há diversos fatores que podem levar o professor a apresentar sintomas desse mal-estar. A pesquisa de campo trouxe as realidades de duas professoras cariocas, evidenciando as causas que as levaram ao mal-estar.

A profissão docente vem apresentando mudanças ao longo dos anos, fomentando desafios, inquietações e responsabilidades das instituições escolares e, conseqüentemente, dos professores. Além disso, é depositado nos professores expectativas que vão além de sua prática, criando uma projeção de salvador, aquele que irá promover uma melhoria na sociedade através da educação. Acarretados por toda essa pressão social, os professores encontram-se frustrados por não darem conta das novas responsabilidades depositadas na sua profissão, podendo ocasionar, assim, o mal-estar.

A pesquisa de campo realizada nas escolas evidenciou ainda mais essa relação do docente com o mal-estar ao apontar, no questionário realizado, que 71,4% das professoras participantes já apresentaram o mal-estar. Demonstrando como a prática docente contemporânea carrega consigo traços do esgotamento.

As narrativas de Maria e Cláudia expuseram, através de suas vivências, como o mal-estar está presente no cotidiano do docente, transbordando para além dos muros da escola. Embora tenham sido afetadas de maneiras diferentes, ambas carregam consigo marcas de suas trajetórias dentro da educação, sendo atravessadas de diferentes maneiras.

O mal-estar docente pode atingir professores de todas as idades e de todos os segmentos, sendo causados por inúmeros aspectos atrelados às mudanças sociais, as violências vividas dentro e fora da escola, as grandes demandas e curtos prazos, a desvalorização salarial e a relação do professor com seus alunos. Tais aspectos, isolados ou atrelados, trazem como conseqüências sentimentos que cruzam a prática docente, afetando-a, provocando, assim, o mal-estar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Rosangela Nieto de. **Sem estresse professor! Acho que você está com Burnout!** O sofrimento os professores. Construir Notícias, v. 13, n.73, nov./dez., 2013

ARANDA, S. M. **Um olhar implicado sobre o mal-estar docente.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre -RS, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/17311> .Acesso em 12 de outubro de 2022.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

BRASIL. **Lei 7.716/89.** Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

COSTA, S. de S.G. De fardos que podem acompanhar a atividade docente ou de como o mestre pode devir burro (ou camelo). **Educação & Sociedade**, v.26, n.93. Campinas, set/dez. 2005.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente:** a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru: Edusc, 1999.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação:** Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

PASCHOALINO, Jussara Bueno de Queiroz. **O professor desencantado** - matizes do trabalho docente. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2009. v. 1. 151p.

PENTEADO, R. Z.; SOUZA NETO, S. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. **Saúde e Sociedade**, v. 28, p. 135-153, 2019.

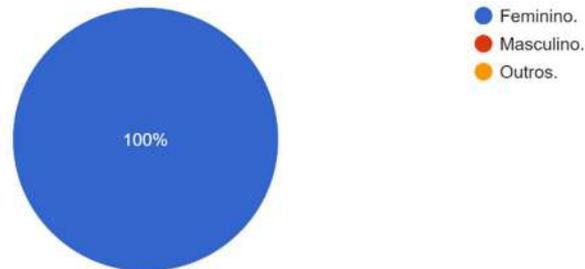
SANCHES, A. P. R.; GAMA, R. P. O mal-estar docente no contexto escolar: um olhar para as produções acadêmicas brasileiras. **Laplage em Revista**, Sorocaba, v. 2, n. 3, p. 149-162, 2016.

SANTOS, J. R.; FERREIRA, L. G. Desenvolvimento profissional, vida e carreira: histórias de professores atingido pelo mal-estar docente. **Educação e Emancipação** (UFMA) v. 9, p. 108-137, 2016.

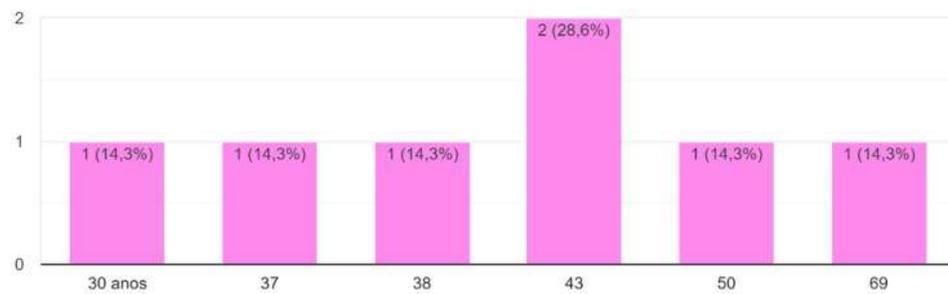
TIMM, E. Z.; STOBÄUS, C. D. O mal-estar na docência em tempos líquidos de modernidade. **Revista Subjetividades**, 2016, 10(3), 865–885. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/4950>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

APENDICÊ A: Perguntas do Google Formulário: Pesquisa sobre o mal-estar docente.

Gênero.
7 respostas



Idade.
7 respostas



Qual seu tempo de formação?

17 anos
15 anos
14 anos
13 anos
6 anos
50
19

Qual seu tempo atuando em escola?

19 anos
24 anos

10 anos

13 anos

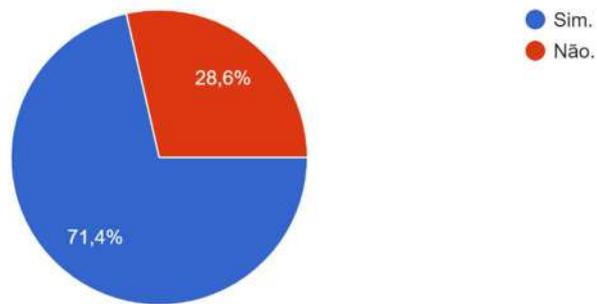
9 anos

30

6 anos

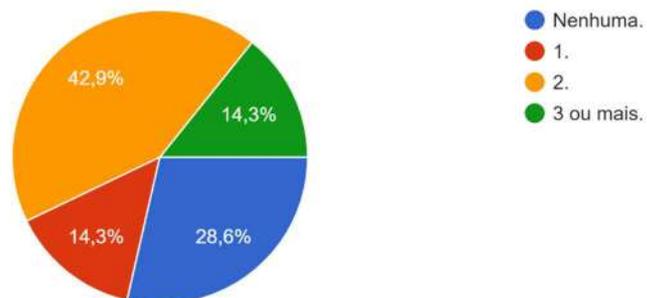
Já adoeceu?

7 respostas



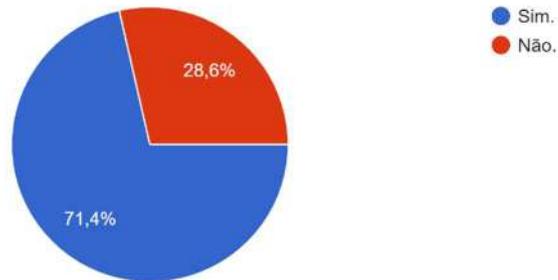
Quantas vezes ao ano?

7 respostas



Já apresentou "mal-estar docente"?

7 respostas



Caso tenha marcado "sim" na resposta anterior, justifique.

Já apresentei mal-estar quando trabalhei durante quatro anos em uma escola municipal em que o entorno dela convivia com intensa violência, como tiroteio, explosões de granada, entre outros.

Desgaste físico e psicológico.

Desânimo para enfrentar a rotina de trabalho, angústia por tentar algo diferente e ser limitada pelo sistema.

Crises de ansiedade.

Considero como uma situação de desânimo crônico com a docência, considerando a falta de estrutura, de apoio técnico e psicológico.

APÊNDICE B: Perguntas norteadoras para a entrevista.

1. O que te motivou a entrar na docência.
2. Conte um pouco sobre o que te levou ao mal-estar docente.
3. O que te motiva a continuar na docência.

APÊNDICE C: Relato completo da professora Maria e da professora Claudia.

Professora Maria: Eu sou formada em Letras e entrei na docência porque fiz Ensino Médio Formação de Professores, era uma escolha de mais fácil acesso. Quando entrei, me apaixonei pela docência, mas nunca foi algo que eu sonhava desde criança. Quando terminei, resolvi que iria fazer um curso na área de Licenciatura. Estou na Educação tem 20 anos. Assim que sai do Ensino Médio, assumi uma turma. Mas logo que terminei Letras, fiz o concurso para professor 2 e passei. Eu já sofri o mal-estar algumas vezes. Quando eu assumi a matrícula, fui lotada em uma escola na 6° CRE, o entorno dela tinha várias comunidades, ela era cercada. A gente tinha vários casos de violência no entorno da escola, tipo, granada que explodiu ao lado, de repente tinha tiroteio e a gente tinha que se jogar no chão junto com os alunos. Além do medo do professor, a gente tinha que lidar com o medo das crianças também, embora estivessem “acostumados” com aquele ambiente, que era um ambiente onde eles conviviam, quando eles estavam na escola, também buscavam uma proteção. A escola tinha um protocolo que quando isso acontecia, tínhamos que ir para os corredores por terem mais paredes. Teve um episódio de bandidos entrarem na escola e ficarem dentro da secretaria com a diretora. E a gente naquele contexto que não podia descer, porque todo mundo já sabia o que estava acontecendo, mas a gente não demonstrava para os alunos o que estava acontecendo.

Durante os 5 anos que passei nessa escola, eu sofri o mal-estar docente de diversas vezes. Eu precisei entrar de licença devido a essas questões e fiquei 15 dias afastada. O médico perguntou se eu estava em condições de voltar porque ele viu que eu não estava, mas eu pedi para voltar. Eu ainda carrego várias coisas desse mal-estar comigo até hoje. Eu precisei tratar porque isso desencadeou outras questões. Eu fiquei muito tempo com medo de andar na rua, por exemplo, estava no shopping e ouvi um barulho alto e ninguém correu, mas eu corri, fiquei assustada. Eu fiquei um tempo muito apavorada com qualquer coisa. E assim, eu atribuo outras questões que vieram depois a essa situação que eu vivi, mas tratando sempre. Eu procurei psiquiatra, psicólogo, fiz terapia durante muito tempo. Eu busquei assistência da CRE diversas vezes, mas não tinha retorno. Eu acho que nós professores, a gente se sente muitas vezes sozinhos, sabe. Tanto nessa situação de violência em torno da escola

como em outras situações que o professor vive, de fato, estar em sala de aula, não é uma tarefa fácil. Eu continuo na docência, mas tenho uma outra matrícula federal, em algo que não tem nada a ver com a escola, no Ministério da Saúde, na parte administrativa. Quando eu entrei no PEJA, eu vi uma outra possibilidade, eu estou a 10 anos e eu vi uma realização profissional de entender que o meu trabalho está sendo valorizado, que o meu trabalho faz a diferença na vida de alguém. Eu adoro estar na sala de aula, adoro lecionar e estar no PEJA é muito gratificante para mim. O que me motiva hoje, sendo bem sincera, é o retorno dos alunos. Porque já estamos sem reajuste salarial há muito tempo. Esse retorno de estar fazendo algo para a sociedade. Ainda são 11 milhões de analfabetos no Brasil e a gente está, de alguma forma, ajudando a vencer esse número, a diminuir esse número

Professora Claudia: Eu sou formada em Licenciatura em Educação Física e escolhi essa profissão por que admirava desde o Ensino Fundamental, o trabalho dos professores com os alunos, acompanhar a aprendizagem e eu sempre tive muita vontade de me tornar professora. Eu atuo na educação tem mais ou menos 14, 15 anos e no Município, eu estou a 10 anos. E com o tempo, a gente começa a perceber que algumas coisas nos levam ao mal-estar. A infraestrutura, o sistema que não dá o privilégio do ensino do aluno, da aprendizagem, mas sim ao depósito de conteúdo, pressões que a gente sofre em relação a prazos que a gente tem que cumprir, muitas demandas e pouca infraestrutura. Sem contar que a gente encontra em algumas escolas gestores que acham que são donos das escolas e, por algum motivo pessoal, ou não, ou pelo simples fato de não gostar do seu estilo, começam uma perseguição, ou pelo fato de você falar algo que essa pessoa não concorda começa uma perseguição. Eu já sofri falas racistas de gestores e por vezes, me senti perseguida por questões que já levantei e não acho justas. Esse mal-estar me gerou algumas consequências, eu venho trabalhar muito desmotivada, a autoestima muito baixa, você acaba não fazendo o seu trabalho com todo o vigor, para mim, essas são as piores consequências desse mal-estar docente. O que me motiva hoje a continuar na docência, hoje, infelizmente é a questão financeira, que é o meu sustento. É o que me mantém aqui ainda.